

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor e Lorjô Tavares.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida,
Dr. Antonio do Valle e Sousa,
Christim (pseudonymo),
Conde da Esperança,
D. Jorge de Menezes,
J. Nunes de Freitas,
Luiz Trigueiros,
D. Maria O'Neill.

PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal.*
CHEFE DO ESCRITÓRIO — J. Nunes de Freitas.
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

16 DE SETEMBRO DE 1912

N.º 328

ASSUMPTOS MILITARES

Escolas de repetição



O regimento de infantaria n.º 2, no alto da Cruz da Oliveira, em marcha para os exercicios

*(Phot. de * * *)*

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 16 de setembro de 1912

Os exercicios militares que se estão realisando e que, no dizer dos entendidos, constituem uma brilhante prova da intelligencia dos nossos officiaes e da aptidão e resistencia dos nossos soldados, vieram avivar mais uma vez a necessidade que ha de cuidar a serio da melhor forma de se conseguir que Portugal tenha, no mais breve praso de tempo, uma marinha e um exercito que possam, em caso de guerra, assegurar efficazmente a defesa do paiz e garantir a sua independencia.

Nenhum problema como este desperta mais a attenção nem consegue reunir maior somma de enthusiasmos. E' que este é um problema nacional, o seu fim é altamente patriótico, ao passo que tantos outros que por ahi se teem discutido e constam de leis varias já publicadas, teem na sua grande maioria um fim politico e por isso de resultados que nem a todos interessam.

O momento actual é magnifico para o resolver, pois se apresenta revestido de todas as condições proprias para assegurar o successo de quaesquer medidas no sentido desejado. As recentes incursões, a possibilidade, felizmente hoje já afastada, que houve ainda ha bem pouco d'uma quebra de relações diplomaticas com a Hespanha, e muito principalmente a propaganda que os jornaes veem fazendo em favor do desenvolvimento das instituições militares entre nós, são elementos de grande valor para se conseguir o fim que todos ambicionamos. Tudo consiste em não perder tempo.

E não se diga que o povo é hoje mais patriota do que era hontem, só pelo simples facto de ter mudado o regimen politico do paiz. O nosso povo foi sempre patriota e aguerrido. Data de ha muitos seculos o seu indomavel patriotismo, e a sua bravura sem limites ficou bem demonstrada em todas as campanhas onde entrou o exercito portuguez, quando ainda se não pensava que a republica viria a ser a forma de governo em Portugal. O que actualmente se dá é estar o povo mais preparado, em vista das causas a que alludi, para os indispensaveis sacrificios pecuniarios sem os quaes não é possivel assegurar ao exercito e á armada o papel preponderante que necessitam ter. Ora isto que é muito, que é quasi tudo, de nada valerá se os governos não aproveitarem immediatamente a oportunidade, perdendo o menos tempo possivel em discussões que não digam propriamente respeito ao assumpto.

Todos concordam que a situação actual não pôde nem deve manter-se. Portugal precisa retomar o seu lugar na politica mundial e para o conseguir necessita, primeiro que tudo, estabelecer d'um modo efficaz a defeza do que lhe pertence, pondo de parte a ideia de que outros venham em seu auxilio.

A Historia ensina-nos quanto custam esses favores e os seus ensinamentos, pelo que nos diz respeito, veem já de muito longe. Datam da primeira dynastia, apontando-nos alguns dos nossos reis a quem muito custou o apoio dos cruzados na conquista de algumas praças.

Portugal teve no mundo um lugar de destaque que é preciso, tanto quanto possivel, reconquistar, acabando d'uma vez para sempre com a situação deprimente em que nos encontramos, sofrendo a cada passo desfeitas mais ou menos disfarçadas, mas que nem por isso ferem menos fundo, e sendo banidos de toda a parte onde outros se apresentam com menos direitos do que nós.

Trata-se, por exemplo, d'uma questão no Extremo Oriente? Lá apparecem todos—allemaes, inglezes, russos, francezes, todos... menos os portuguezes que descobriram essas terras longinquas e aos outros povos ensinaram o caminho. Trata-se de assumptos aqui bem perto de nós, no imperio de Marrocos? Todas as nações lá teem interesses—a Hespanha, a França, a Inglaterra, a propria Allemanha, todas... menos Portugal, cujas armas gloriosas ainda se ostentam em muitas das praças do imperio marroquino, onde nos ficou o sangue mais generoso do nosso povo, a maior parte da velha nobreza e até um infante e um rei.

E tudo isto assim acontece porque não temos navios nem exercito, porque não temos o direito da força e hoje, como sempre, ninguem quer saber da força do direito, por mais que os poetas e os pensadores se occupem do assumpto, bradando... no deserto. Emquanto existirem homens ha de haver ambições, ha de haver guerras e o mais forte vencerá sempre o mais fraco. Assim, a felicidade d'um povo, o desenvolvimento do seu commercio e da sua industria, a sua preponderancia ou a manutenção da sua equal-

dade perante os povos visinhos, só por meio da força pôde estabelecer-se.

Ainda não ha muito e n'este mesmo lugar, lembrei que olhando para o passado, este nos ensinaria o caminho do futuro.

Quando o nosso paiz era bem mais diminuto em população do que é hoje, quando o numero dos seus habitantes era tres vezes menor do que actualmente, Portugal conquistou grande parte do globo, não lhe faltando gente para povoar as suas naus nem para guarnecer as fortalezas que ia edificando. Hoje, portanto, não nos faltam braços para defender a metropole nem para garantir a integridade do nosso ainda vasto patrimonio colonial. Tão pouco nos faltam qualidades de resistencia, como os recentes exercicios teem evidenciado, nem aquelle amor patrio que opera milagres, como em todas as epocas se tem visto.

O que nos falta é senso pratico, é o cuidado pelo dia de amanhã, é o saber evitar que a monomania politica, que desde ha 80 annos assentou arraiaes entre nós, prejudique as melhoras obras e annule os mais bellos projectos. Eis porque eu disse ha pouco que é urgente aproveitar o actual momento, não deixando arrefecer a boa disposição em que todos agora se encontram de contribuir para o engrandecimento da patria por meio do augmento das suas forças de terra e mar. Urge passar da theoria á pratica, pôr de parte discursos e fazer alguma cousa.

São precisos sacrificios? Façam-se. A compensação virá mais tarde. O engrandecimento de marinha de guerra contribuirá de certo para o augmento da marinha mercante, condição indispensavel para o desenvolvimento do nosso commercio, para a riqueza do paiz, para o bem estar do povo.

Não devo terminar estas notas sem fazer uma referencia, embora ligeira, á passagem pelo nosso Tejo de duas grandes levas de realistas que, protegidos pelo governo brasileiro, iam a caminho da hospitaleira terra do Brasil.

Na sua grande maioria essas duas levas eram compostas de gente que entrou no ataque á praça de Chaves, gente que se bateu por determinados principios, discutiveis como todos, mas de cuja efficacia muitos podem estar convencidos, visto que por elles se regem algumas das mais poderosas e das mais cultas nações do mundo.

Isto é já um titulo ao nosso respeito, mas outro existe ainda maior: eram vencidos esses homens que por ahi passaram e muitos d'elles nunca mais tornarão a ver a patria onde nasceram, onde balbuciarão as primeiras palavras, onde sentiram os primeiros amores. Quantos não contemplariam com saudade a linda cidade de Lisboa, onde muitos d'elles deixaram entes queridos que os ficaram chorando? Quantos não abominariam n'esse momento a politica, da qual só tiram proveito e honras aquelles que quasi sempre ficam em casa, enquanto outros, os pequeninos e os humildes, se arriscam para os elevar?

Que vão em paz e que a nação brasileira lhes seja mãe carinhosa, eis qual deve ser o desejo de todas as almas bem formadas, onde o odio não tenha lançado raizes.

J. NUNES DE FREITAS.

ORAÇÃO DA POBRE

Senhora! Sois mãe,
E mãe de Jesus,
A fonte da luz,
A fonte do bem!
Doei-vos da triste
Que assim se consome,
E apenas resiste
A's maguas que tem...
Sou mãe, tenho fome...
Meus filhos tambem.

JOÃO DE DEUS.

A liberdade, quando existe só d'um lado, chama-se a mais odiosa das tyrannias.

PAUL BROUSSE.

ASSUMPTOS MILITARES



Escolas de repetição — Infanteria n.º 2 comendo o rancho na serra da Carregueira, entre Bellas e Sabugo

Pensamentos d'uma rainha

Todo o edificio da Creação se sustem sobre uma columna collocada por Deus: o Amor.

O cumulo da felicidade humana, como o da tristeza, consiste em não ter nada que desejar.

Nunca nos devemos esquecer de que se o amor triumphá de todos os obstaculos, pôde morrer de um bocejo.

Vista de longe a felicidade é tão grande que chega ao Ceu; mas, para chegar até nós, tem de fazer-se tão pequena que se torna quasi imperceptivel.

O perdão é quasi indiferença; o amor nunca perdôa.

Os ciumes do namorado são uma homenagem; os do marido um insulto.

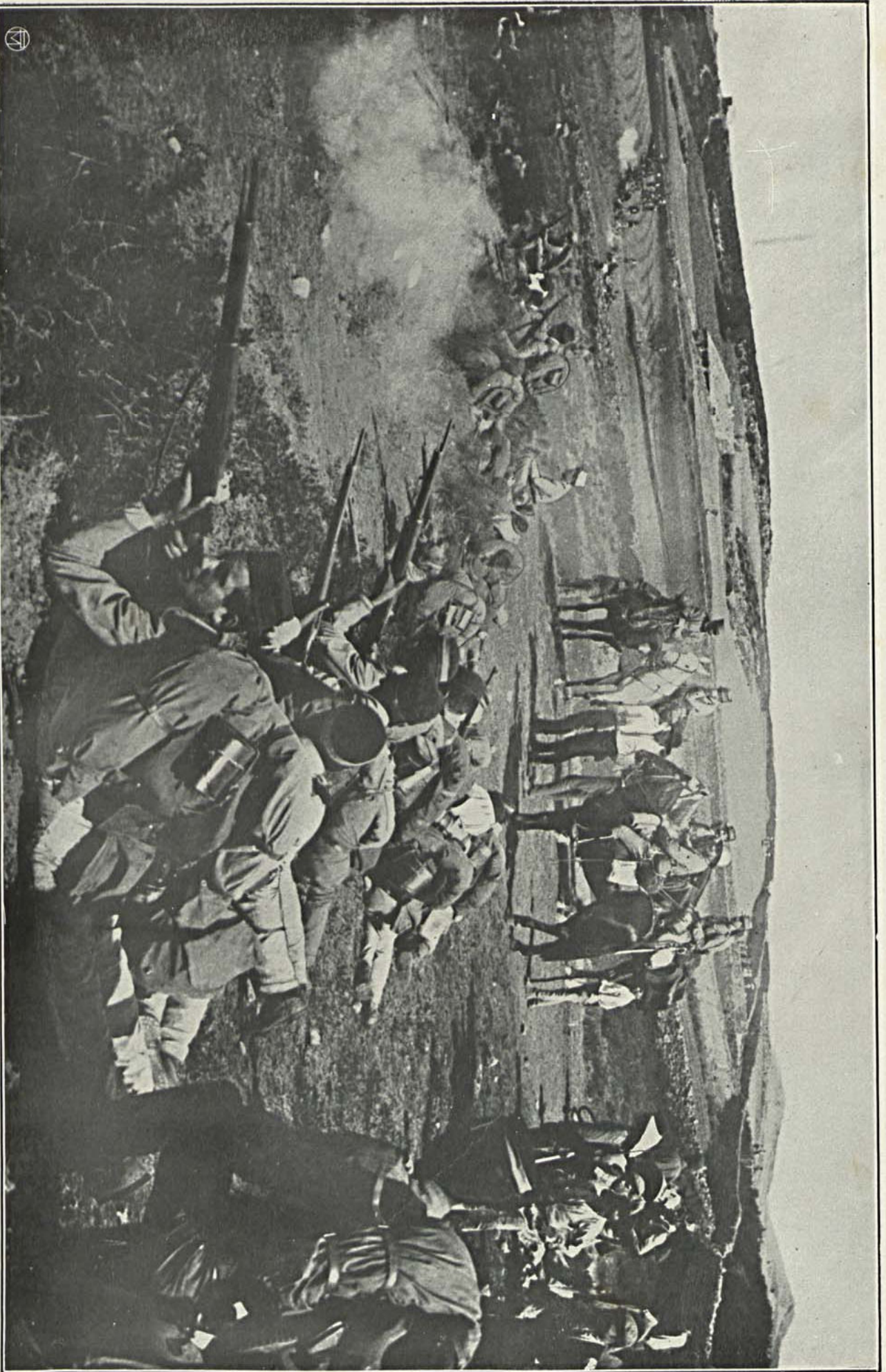
RAINHA IZABEL DA ROMANIA.
(Carmen Sylva).



Escola de repetição — No Sobral de Mont'Agraço — Artilheria n.º 1 subindo a encosta

(Phot. de * * *)

Assumptos militares



Escolas de repetição — O ataque de infantaria 2, protegida por artilheria 1 ao forte do Alqueidão, das antigas e celebres linhas de Torres Vedras

O DR. FERNANDO MENDES D'ALMEIDA

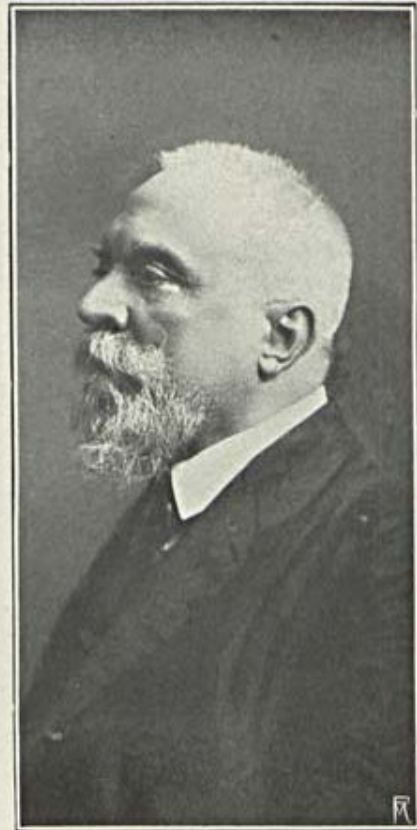
mercio, da industria e da agricultura, pares, deputados, professores, officiaes de terra e mar, homens de letras, e todos elles, pela voz dos seus principaes oradores, acclamaram o hospede illustre.

O «Jornal do Brasil» — A festa do Maranhão

Não é a primeira vez que o *Brasil Portugal* se occupa do *Jornal do Brasil* e do seu proprietario e redactor-chefe dr. Fernando Mendes d'Almeida. Já em 1897, por occasião da visita a Lisboa d'esta eminente figura da sociedade brasileira, puzémos em relevo não só os serviços prestados a Portugal pelo director do jornal que no Brasil tem mais vasta publicidade, mas tambem a poderosa influencia d'esse grande or-



D. Stella Mendes d'Almeida Santos, filha do senador Mendes de Almeida e esposa do dr. Jorge Santos.



Senador Fernando Mendes d'Almeida

gão da opinião na vida do Brasil. Lisboa, principalmente, teve a noção exacta do valor do jornal e do jornalista, o qual recebeu de toda a imprensa um acolhimento excepcional, e que n'um grandioso banquete celebrado em sua honra no *Avenida Palace* pôde vêr reunidos os representantes das mais altas classes sociaes, os presidentes da Sociedade de Geographia e das associações do com-

o jornalista, o industrial, o commandante da guarda nacional do Rio de Janeiro, o lente de direito civil e, acima de tudo, o dedicado amigo dos portuguezes, neto de um grande portuguez, apa-

RIO DE JANEIRO



O palacete do senador Fernando Mendes d'Almeida, na Avenida Botafogo

(F. Garcia — photog. do «Jornal do Brasil»)

rentado com uma das mais distinctas familias de Portugal, e tão afeiçãoado á terra dos seus maiores que para servi-la e defendê-la nunca regateára as colmnas do seu poderoso jornal.

Entre as vozes eloquentes que então se ergueram a aclamá-lo

Comtudo, a verdade é esta: para se fazer uma ideia exacta do que é o *Jornal do Brasil* é preciso ir ao Brasil. E' preciso per-



Na residência do Senador Fernando Mendes d'Almeida — Um grupo no salão vermelho — Marechal Hermes, General Roca, Augusto J. Ferreira, Dr. Enéas Martins, Agenor de Carvoliva, Edwin Morgan (Embaixador Americano), Porphyrio Nogueira, Dr. Montenegro Filho, Condessa Candido Mendes, M.^{me} Alvaro de Teffé, M.^{me} de Viveiros, M.^{me} Coelho Netto.

(F. Garcia — photog. do «Jornal do Brasil»)

tem ainda no ouvido quem escreve estas linhas a do dr. Magalhães Lima, que sendo uma figura de prestigio no moderno Portugal republicano, pôde junto dos seus correligionarios confirmar

correr todas as dependencias d'esse colossal edificio, o mais elevado de toda a America do Sul, aquelle de cuja cupula se domina toda a ampla cidade e quasi toda a vastissima bahia, e d'onde



Na residência do Senador Fernando Mendes d'Almeida — Grupo no salão dos retratos — Da esquerda para a direita: Srs. Maximow (Plenipotenciario da Russia), Cousino Talavera (Secretario do Chile), Paul Adam, M.^{me} Paul Adam, Senador Pinheiro Machado (Vice-Presidente do Senado), Lorjô Tavares, M.^{me} Salvador Santos, Dr. Albino Pacheco, Conselheiro Camelo Lampreia, M.^{me} C. Lampreia, D'Orey, Conselheiro Martins de Carvalho.

estas asserções, manter coherentemente as nobres palavras que então proferiu, e provar com a sua auctoridade que nunca são demasiadas as homenagens que se prestem a tal jornalista e a tal jornal.

se avista como um formigueiro enorme, interminavel, a população de um milhão de habitantes, os esplendidos edificios da Avenida Central e da marginal, e lá ao fundo o panorama pittoresco da

Avenida Atlantica, que tem por contrafortes gigantescos morros verdejantes e que é banhada não pelas aguas mansas do Guanabara, mas pelas ondas revoltas e espumantes do Oceano. O grandioso e extranho d'esse panorama nunca mais se apaga da memoria!

Para medir as proporções que attingiu a empreza do *Jornal do Brasil*, é necessario percorrer as suas variadas officinas de composição e de gravura, vêr trabalhar ao mesmo tempo as numerosas machinas americanas que compõem o jornal, entrar nas secções de desenho, na casa das edições, na vastissima sala de exposições, observar o movimento dos variados concursos que a toda

da armada, cerca emfim de setecentas pessoas, entre as quaes as mais formosas e distinctas damas da primeira sociedade fluminense, se reuniram na noite de 28 de Julho ultimo nas artisticas e ostentosas sala do palacete do Botafogo, onde as honras da casa eram feitas pelo dr. Fernando Mendes, por sua gentil filha, D. Stella, e seu genro dr. Jorge Santos. O hymno nacional, o hymno do Maranhão, e os hymnos dos paizes representados, imprimiam, ao mesmo tempo, a essa festa, que pôde considerar-se nacional, uma nota de sympathico internacionalismo. A profusa illuminação electrica, o *entrain* do baile, que se prolongou até madrugada, o pri-



Na residencia do Senador Fernando Mendes d'Almeida — No 1.º plano: Madame Hermes da Fonseca pelo braço do senador Fernando Mendes de Almeida, no 2.º plano o sr. presidente da Republica Brasileira, marechal Hermes da Fonseca.

(F. Garcia — photog. do «Jornal do Brasil»)

a hora attraem ao edificio centenas de pessoas, presenciar as *queixas do povo*, de que o jornal benemerito se faz ao mesmo tempo echo perante o publico e o advogado perante as auctoridades que exorbitam, e ali pelas tres da madrugada findar a visita penetrando nos vastos recintos onde se faz a colossal tiragem do jornal, o qual nunca é inferior a 16 paginas, que sobe frequentes vezes a 22 e que tem attingido algumas o numero de 30. Como a poderosa machina de tiragem, apesar de não ter identica em nenhum outro dos grandes jornaes do Brasil, não fôsse ainda a ultima palavra, outra se está fabricando na America do Norte, a maior, a mais aperfeiçoada e moderna até hoje construida, e que dentro em pouco, não obstante o seu custo fabuloso, fará o serviço do *Jornal do Brasil*.

O dr. Fernando Mendes, e seu irmão, o dr. Candido Mendes, ambos condes Mendes de Almeida, um na direcção, outro na gerencia, estão ao leme d'esta nau formidavel, e a sua pericia de pilotos pôde attestá-la quem acompanha o jornal, desde o momento em que elle era um orgão insignificante e humilde de um grupo intellectual, até hoje, que na publicidade e no annuncio, não tem competidor em todo o territorio do Brasil.

O redactor-chefe do *Jornal do Brasil* é senador pelo Estado do Maranhão, terra em que nasceu, e cujos interesses calorosamente advoga tanto com a penna de jornalista como com a palavra de orador. De quantas datas historicas o Brasil celebra, para elle a mais memoravel e querida é a de 28 de Julho: adhesão do Maranhão á independencia do Brasil. E todos os jornaes do Rio de Janeiro trazem o *compte-rendu* da festa sumptuosa com que o senador-jornalista celebrou este anno a data assignalada. O presidente da Republica e sua esposa; os ministros, o general Roca, embaixador da Argentina, o embaixador dos Estados Unidos do Norte, plenipotenciarios do Perú e dos Paizes Baixos, encarregado de negocios do Uruguay e da Noruega, secretarios argentino, chileno, norte-americano e addidos militares dos Estados Unidos e da França, senadores, os deputados, os officiaes superiores de terra e

moroso serviço do bufete, deram a tal celebração commemorativa um cunho de grandeza, que a todos se impunha, porque era a prova não só de um acrisolado patriotismo, mas tambem do ascendente que pode attingir n'uma sociedade culta quem saiba elevar-se pelas qualidades de valor pessoal e de caracter sem mancha.

Honra-se o *Brasil-Portugal* em publicar hoje nas suas paginas, juntamente com estas palavras justas, o retrato do dr. Fernando Mendes de Almeida e o de sua gentilissima filha, e as gravuras do seu palacete do Botafogo e de alguns dos grupos de convidados na sumptuosa festa do Maranhão.

A mulher do palhaço

Eu ando triste, mudo, atrabiliario,
Persegue-me a visão d'um sonho vago;
Tenho as tristezas tétricas de Mario,
E as solidões sinistras de Carthago!

Nem saiba o mundo! tábido sudario
Envolve-me a paixão que em mente afago;
Vou em meio caminho do Calvario
E desconheço a cruz que aos hombros trago!

Desconfio de alguem; de longa data
Conto entre as minhas relações ignotas
A graça esculptural de um acrobata...

Muita véz á sahida dei-lhe o braço...
E inda tenho presente as cambalhotas
Que ella dava na ausencia do palhaço.

NÃO MORREU!

Aqui n'este coração,
Quantos mortos como tu,
Vivem da minha paixão.

BULHÃO PATO.

É tarefa herculea para a minha humilde pessoa, sinto-o, aquella que vou tentar em breves linhas, desprovida de estudo prévio; mas, se o é para o meu talento e fracos recursos, abranje-m'a o coração onde Bulhão Pato não morreu, não morre, nem morrerá.

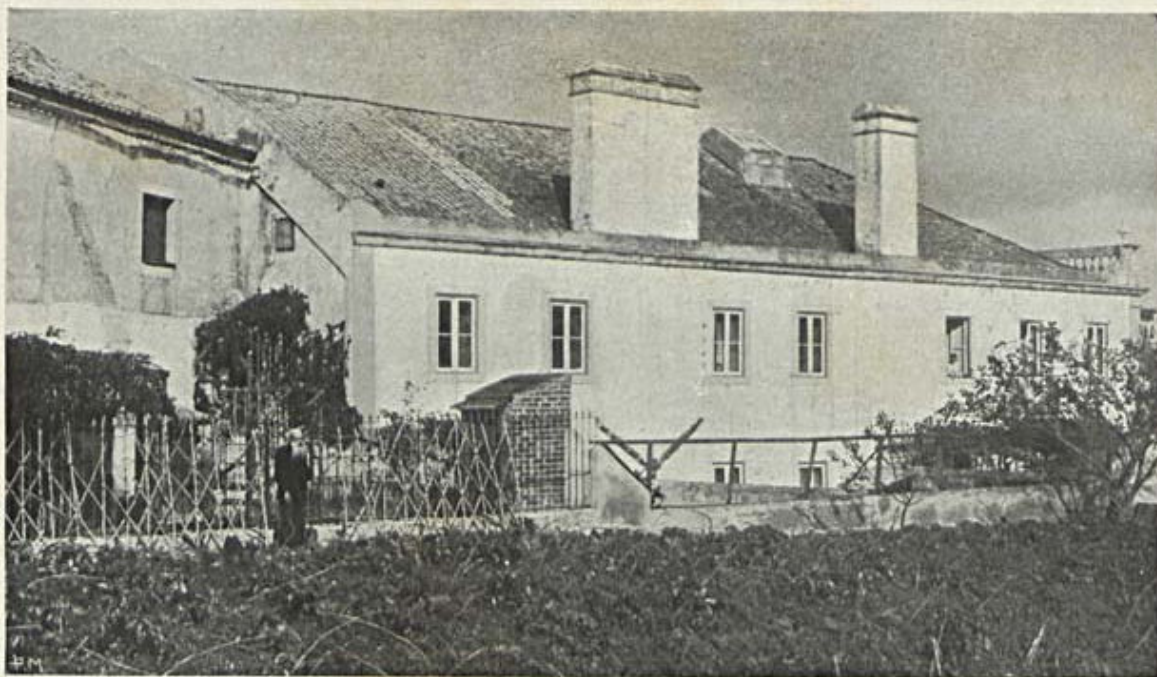
Na nossa terra, a não ser n'um meio muito restricto e culto, não se conhece a obra dos nossos melhores escriptores; falla-se d'ella atravez d'uma ou d'outra cousa, ouvida destrahidamente, raras vezes lida e muito menos degerida. Tudo que não é estran-

mar embravecido; o desprezo, phrases sibilantes como o azorrague quando corta o ar, vibrado por mão afoita; e a ironia, aguda como estylete, dilacerava prompto e fundo os que se atreviam a desafiar-lhe as iras.

Era como eu gostava mais de o lér, mas ainda muito mais de o ouvir. Tinha na cólera a grandeza de leão, quando ferido, aterrando a floresta com a sua voz potente.

Quando cantava, a propriedade da expressão, sempre portuguesa de léi, fundia-se naturalmente com a vivacidade da luz que esplendia a jorros nos quadros que descrevia, enaltecendo-lhe os mais ligeiros pormenores. O seu dizer encerrava todas as graças de perfeição. Como elle sentia e expressava quando o impressionava, e que immensamente grande não era no modo singelo por que o fazia!

Quero dar aos meus leitores provas do que affirmo, embora muito rapidamente, não só para os não fatigar como tambem porque a escassez do espaço de que disponho não me dá para uma analyse mais demorada e completa.



No Monte de Caparica — A casa onde morreu Bulhão Pato

geiro não attrae, e as glorias das letras patrias não enriquecem editores a não ser que algum, não sei se mais ladino se mais altruista, se lembre d'uma collecção com que as ponha ao alcance das bolsas, que teimam em se fechar para tudo que é nacional. Dá-se ainda frequentemente outra circumstancia: compram, põem na estante e... não lêem: o que, na maioria dos casos, os não impede de darem a sua opinião, se entendem que a podem ter.

Ora tambem succede que muitos não teem tempo de lér e não podem, embora o desejem, formar uma ideia exacta e ponderada de qualquer auctor

E' a esses que me dirijo, aos que procuram, geralmente nas revistas, conhecimentos summarios de todos os assumptos e se não pejam de dizer sinceramente — *eu não sei* — de preferencia a emitir ou expôr ideias falsas.

Que Bulhão Pato era um *romantico*, ninguem o ignora; mas, como já disse algures, o que talvez não saibam é a razão porque elle era assim.

Vou dizer-lh'a:

A sua alma tinha a paixão de quanto é bello porque ella propria era d'uma singularissima belleza, belleza que se reflectia em tudo que os seus olhos fitaram, procurando sempre ver o lado artistico e ideal das cousas reaes n'uma atmospheria superior, inacessivel a espiritos vulgares.

Foi o cantor do Bem e do Bello. Mas, se algum ser brutal lhe fazia sentir as tristes verdades da vida, transformava-se. O seu estylo era outro: de rio, limpido, sussurrante e claro, tornava-se n'uma torrente caudalosa, impetuosa, imperativa, onde se debatiam fortemente as mais rudes paixões. A indignação tinha a força do

Abro ao acaso o *Livro do Monte*, uma das suas ultimas obras, encantadora, como tudo que lhe sahia dos bicos da penna:

«Mulher! O supremo ideal
Não t'ò ha de roubar ninguem;
Que no ceu és Mãe de Deus,
E na terra és nossa mãe!»

Torno a abrir n'outro ponto:

.....
Venha cá passar um dia.
Conhece a casa. E' modesta;
Mas em surgindo um amigo,
Parece um castello em festa!...
Traga-me o Urbano comsigo.»

Como isto era verdade, simples, e sentida!

Ao acaso sempre, pego nas *Memorias* e leio esta curta descripção que parece d'hoje.

.....
«Voltaram os emigrados. Que scenas, no dia em que elles chegaram! Nem um brado de vingança! Ha d'esses momentos na humanidade: são rarissimos, mas existem! Tudo se encontra no presente: applausos da multidão, gritos de jubilo, abraços convulsivos, e as lagrimas sussurrantes do coração, esse orvalho divino, que, apagando os odios, faz rebentar, subitamente, da saudade a esperança!

Deu-se um grande banquete. Presidia o Marquez de Sá, Bernardo de Sá — o Sá maneta — como o appellidara o povo, por um glorificador euphemismo. J. B. d'Almeida Garrett estava ao pé d'elle. Bernardo de Sá, com o seu rosto sereno e marcial, tinha no character as linhas de Bayard! O poeta cingiu na fronte, ampla e luminosa, os livros do *Frei Luiz de Sousa*, drama que, se fosse escripto em francez, inglez ou allemão, seria apontado como o primeiro d'este seculo!

«Junto d'elles, José Estevão, formosa cabeça de Endymião, tocada por Girodet! José Estevão, que na flôr da vida, voltava, pela segunda vez do exilio, para beijar a patria, como seu filho mais eloquente!

Oh! lembrar esses dias!... A tinta sympathica, ao calor resumbra; a saudade, bafejada pela memoria, revive!

Este processo não o conhece a chimica, e rarissimos sabem d'elle agora! A chimica é positiva, e nós, graças a Deus, estamos no escabujar d'esse momento positivo!

Correram alguns dias esperançosos e risonhos; mas os odios estavam latentes. O odio concentrado é cavilador e arteiro! O Paço andava vigilante! Não tardou a nebulosa manhã de 6 de outubro; prologo sinistro de terríveis tragedias. Ainda n'esse anno se deu a batalha de Torres Vedras.

Que dia aquelle! A tormenta no céu!... E das vertentes e vales da terra patria, correndo a jorros, o sangue de irmãos!

Tudo isto, principalmente, pela ambição de um general dissipador e voltivolo, e pelo orgulho de uma mulher...»

Termino citando as satyras:

O ESCORPIÃO

(Aviso aos navegantes)

Esperam-te as galés, se um dia houver moral,
Neste velho, fidalgo, honrado Portugal,
Rancoroso escriptor de anonymos «pamphletos»
Que fundem, quando muito, uns dois ou tres folhetos.

Na jornada final, onde te aguarda o premio,
Que o diabo tributa ás almas do seu grémio,
A bagagem, descança, escripta em moiro e grego,
Não te ha de derrubar as azas de morcego;
No entanto baba e morde: a vibora tambem,
De rastos pelo chão, nunca poupou ninguem:
Podes morder em mim; mas olha, escorpião,
Que te esmago de vez debaixo do tacão.

Magnifico! Não se faz melhor. Póde agora o leitor, embora superficialmente, fazer uma ideia do que seja a obra de Bulhão Pato.

O seu corpo seguiu os tramites naturaes da vida: a alma e o espirito não. Não tiveram declinar, apagaram-se em pleno zenith, que cédo attingiu e manteve, sem esforço nem vaidade, durante as suas 83 primaveras, porque n'elle só a parte que a terra chama avidamente a si todos os dias conhecia invernos.

A ultima vez que fui a Caparica, disse lhe, não me lembra já a que proposito, que Alberto Lima tocara guitarra admiravelmente; e elle, entusiasmado,olveu-me:

— Combina com elle, arranja quem cante e venham passar cá um dia. Improvisar-lhe-hei umas trovas. Fazer versos, ouvir gemer uma guitarra, vêr folgar a mocidade, é ser môço tambem.

Nunca se realisou esse bello programma. Umas horas deliciosas a menos na rude estrada da vida.

Transtornos, desgostos e doença, impediram-me de voltar alli com a brevidade desejada. Quando o fiz era tarde. Na salinha onde, pela ultima vez n'aquella casa, elle me recitára versos seus e contára primorosas recordações, armára-se-lhe a camara ardente. Esperava-me n'ella uma forte emoção, mais um triste desengano para juntar aos muitos que já tenho ácerca dos homens e das cousas.

Apenas a familia velava os restos de Bulhão Pato! Não se fizeram turnos de amigos nem de escriptores. E, de tantos que em vida o cercavam pressurosos, nem um foi no seu quarto murtuario acompanhá-lo pela ultima vez!

Como tinha razão o mestre, quando dizia que estava *por dentro desenganadissimo!*

E pareceu-me então vêr erguer-se do caixão o seu vulto dominador e venerando, e lançando para traz com as mãos, inda for-

mosas, as niveas e fartas madeixas, olhar em torno de si com ironia.

Disseram os jornaes que o enterro tinha sido concorridissimo. — Sim, disse-me alguém que como eu se doéra de tantas injustificadas ausencias. Sim para Caparica.

Emfim!... elle tinha em vida a triste philosophia da experiencia: não lhe fizeram falta.

Terminando um artigo de despedida a um saudoso amigo, e querido desaparecido dizia:

— Quando chegar a minha vez terei ainda um amigo que me chore?

Teve. Mais, muitos mais.

Por mim, desapareceu com elle a ultima das quatro afeições fortes da minha mocidade.

Era um homem de bem. Descanse em paz.

E nos corações dos que o amaram, como na memoria dos portugueses, a sua obra e a sua figura nobre, ideal e cavalheiresca, não se apagará nunca.

Por isso não morreu.

MARIA O'NEILL.

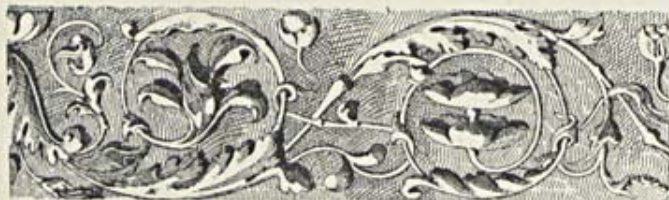
Poucas coisas ha de si mesmas irrealisaveis; se os homens não as alcançam é mais por falta de applicação que de meios.

ASSUMPTOS ARTISTICOS



Ribatejo — Reguengos
(Quadro do pintor Thomaz de Mello)

(Phot. de A. C. Lima)



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XI

PRESOS POLITICOS

COM trinta e seis á sombra e uma lei d'imprensa a 90° de temperatura, é difficil escrever alguma coisa que geito tenha, n'este setembro escaldante que vae correndo.

A politica escabeceia arreganhando de vez em quando os dentes n'um preludio feroz de proxima borrasca; e, a sociedade emigrada nas praias e thermas nacionaes e estrangeiras, deixam a cidade só mobilada de burguezes sovinas, ou de empregados pelintrecas a quem a bolsa ou a estupidez não permite digressão que passe alem de Cintra ou Cascaes.

Só, a quebrar esta espapaçada calmaria, uma nota fere profundamente todos os espiritos medianamente formados com a sentimentalidade racional.

Referimo-nos aos presos politicos que abarrotam todas as masmorras do paiz.

Qual é o numero de habitantes d'esses cubiculos infectos para onde os homens da republica atiram com os que lhes succederam nos seus delictos politicos? E' impossivel responder com um algarismo exacto. São alguns centos — eis o que com verdade se póde afirmar.

Uma parte está na Penitenciaria — n'esse viveiro de tuberculose e de idiotice — outros no Limoeiro — misturados com a ralé do crime commum — outros ainda (as Senhoras) no Aljube — a casa onde se enclausuram as mulheres que ligam o seu nome a qualquer acto vergonhoso, desde a rameira que esfaqueia até á megera que passa moeda falsa. E' alli actualmente a casa da Senhora Dona Constança Telles da Gama, a filha do Conde de Cascaes, a neta do Marquez de Niza, a descendente do descobridor portuguez que mais lustre deu a Portugal e que por seus feitos mais assombro causou ao mundo...

Pois é alem, no Aljube, de paredes meias com as prostitutas, de visinhança com as ladras, de camaradagem com as chulas da faca na liga, que está a maior fidalga de sangue e de coração que tem a terra portugueza.

O seu crime é...

Não sabemos qual é o seu crime e ha-de ser difficil que alguém o saiba sem primeiro escrever nos dictionarios da nossa lingua, como synonymo de criminoso, a palavra Caridade...

Está presa porque pedia esmola para socorrer os infelizes a quem a lucta por um ideal ou a intriga d'um inimigo, conduzia ás quatro paredes estreitas d'uma cela, deixando a familia na miseria.

Está presa porque onde havia desalento e fome ia levar o seu carinho e o seu obulo.

Está presa porque onde existia a tortura e a injustiça levava o conforto e a fé.

Deve ser por isto que a descendente de Vasco da Gama está presa...

E' um pretexto ridiculo para não dizer uma violencia revoltante. Mas, não é a unica.

Outra senhora ali se encontra tambem de camaradagem com as degeneradas das viellas. Não tem a gerarchia da primeira mas possui o mesmo coração de santa, a mesma alma bonissima de protectora dos desventurados. Chama-se D. Julia Brito e Cunha, e não ha téla de caridade onde o seu nome não figure. As Cosinhas Economicas — essa obra da immortal figura da ultima Duqueza de Palmella — lá a tem na sua historia, attestando da quanta bondade e de quanto altruismo é dotada aquella senhora superior em talento e em virtudes que é hoje tambem prisioneira do Aljube.

A snr.^a D. Julia Brito e Cunha é proprietaria d'uma casa commercial onde se vendem santos e imagens religiosas. Tinha fatalmente que expiar tão nefando crime...

Dava esmolas ás familias dos presos politicos. Era incontestavelmente uma conspiradora...

Lá estão ambas esperando que chegue a hora de se sentarem no banco dos réos, para que a justiça dos homens as julgue.

Esse momento deve ser grandioso.

Que esplendido quadro para um pintor de raça: a Caridade no logar infamante do Vicio e do Roubo, accusada de crime que tem escala pela Penitenciaria e degredo!...

E cá fora, á luz clara do sol, luzindo n'um ironico sarcasmo, as taboetas vistosas annunciando: Liberdade — Justiça — Fraternidade!...

Nós não negamos o direito que o regimen tem de defender-se. Seria rematada tolice querer um cruzamento de braços perante as tentativas revolucionarias que se têm esbuzado. Mas uma coisa é punir delictos politicos e outra coisa é inventar criminosos. Uma coisa é castigar por um *facto*, e outra coisa é *urdir uma intriga* para liquidar um adversario.

Ora o que se tem passado, em materia de prisões, é um longo poema digno de ser cantado quando as paixões não estiverem tão rubras e as garantias menos trémulas.

A theoria novissima d'um jornal republicano *que mais vale cem prisões de innocentes do que a impunidade d'um só delinquente* — é assombrosa! Mas justamente por assim ser, tem tido farta applicação e innumerados apóstolos. Toca portanto na caçada humana, até fartar...

O pretexto tanto faz. Um caso succedido ha pouco exemplifica com clareza.

Com grande espanto, uma manhã recebeu um individuo ordem de prisão. Lavrou immediatamente o seu protesto, mas submetteu-se ás ordens recebidas. Dá entrada n'uma enxovia; e durante dias successivos fica sujeito á incomunicabilidade. Uma tarde, no interrogatorio, aconselham-n'o a que confesse.

— Mas confesse o quê?

— O seu delicto. O *complot* de que era chefe. Pois se nós temos as provas! Só agrava a sua situação continuando na negativa.

E como prova fulminante é-lhe mostrada uma carta com o carimbo de França — o terrivel documento que o havia de confundir.

— Ora veja.

A carta, depois dos costumados cumprimentos de cortezia, dizia que «estava muito contente por o negocio se ter resolvido de forma que a Maria ficasse livre do trapalhão do marido» — e terminava agradecendo todos os incommodos.

A argucia investigadora accrescentou finda a leitura:

— E a chave da cifra já está tambem descoberta. Bem vê, é accusado negar. Olhe: o *negocio* é a conspiração, a *Maria* é o D. Miguel e o *trapalhão do marido* é o D. Manuel...

O accusado ficou boquiaberto. E talvez o não fiquem menos os leitores quando souberem que a carta tinha a sua origem n'uma acção de divorcio entre a tal Maria e o marido trapalhão, e de que estava encarregado de tratar o *terrivel conspirador* por pedido do signatario da carta, que se achava no estrangeiro, em viagem de negocios commerciaes e que era tio da divorciada!

Batatinhas, não é verdade?

Pois então para terminar ahi vae outro caso que tambem pede musica d'Offenbach.

Uma senhora tinha recebido uma mala para guardar em sua casa, até ao regresso da dona que se encontrava a ares numa quintarola da provincia.

A mala era de couro e boa pregaria. Foi cautelosamente arrumada n'um quarto, e, quando a creada ali ia fazer a limpeza, a patrão recommendava-lhe sempre:

— Tenha cuidado com aquella mala!

Se a serva andava esfregando, redobravam as recommendações.

— Não salpique a mala!...

Uma manhã foi intimada a deixar passar uma busca á casa. Ao cabo d'alguns minutos de infructiferas pesquisas, um dos investigadores, já farto, perguntou:

— Olhe, minha senhora, o melhor é dizer onde está a mala.

— Qual mala?

— Ora não se faça de novas. A mala que a senhora tem *com tantos cuidados*... A que não quer que salpiquem nem que lhe mexam!...

— Sim, a mala com a *dilamite*, não se faça de novas!... — ajuntou com severidade um segundo investigador.

A mala — a mysteriosa mala de couro e boa pregaria — foi arrombada. E lá estavam, muito arrumadinhos, os terriveis explo-

sivos... transformados em dois vestidos de seda e bellos lençoes de linho bordados!!

Tableau!

E por duzias d'estes e d'outros casos semelhantes ahi estão as prisões atafalhadas de... *criminosos*, e algumas centenas de lares luctando com a mais negra miseria, como ainda ha dias attestava uma carta pungentissima escripta por uma creança de dez annos, para seu pae, um honrado commerciante de Coimbra, com dez fi-

lhos e mulher paralytica, que se encontra preso ha 17 mezes, accusado de delicto politico:

«*Meu pae. Não se incomode comnosco porque mesmo assim não temos passado muita fome...*»

Porque mesmo assim não temos passado muita fome...!
E' horrivel!

CRISPIM.

VIDA ELEGANTE

Nas Caldas da Rainha



A burricada á Foz do Arelho, promovida por mesdemoiselles Vilhena, Almeirim e Atalaya, sahindo do pateo do «Eden Palace Hotel»

(Cliché da Phot. Parisiense — Caldas da Rainha)

A vida elegante

A temporada nas Caldas da Rainha

A Granja, victoriosa

Meu caro Luiz Trigueiros:

Pede-me que lhe diga cousas sobre o temporada actual nas Caldas. Mas que hei-de eu dizer que os jornaes diarios, principalmente o seu *Diario de Noticias* e *A Nação*, não tenham já noticiado:

Tem havido burricadas mas a todas ellas levou a palma a que foi organizada por mesdemoiselles Mariana e Clara de Vilhena, filhas do dr. Alexandre de Vilhena, D. Clarice Braamcamp, irmã do Barão de Almeirim, e D. Maria Bernardina Manuel, filha de D. Sebastião (Atalaya). Houve tambem pic-nics differentes e entre elles um que se realizou na quinta do Bom Successo ou



Nas Caldas da Rainha

Outro aspecto da burricada á Foz do Arelho

(Phot. de M. F. — amadora)

seja no lado occidental da lagoa de Obidos e que foi procedido d'uma pescaria, festa organizada por mesdemoiselles Reynolds.

Emfim, meu caro Trigueiros, tem havido de tudo e até desleixos por parte da direcção do Hospital, que conserva as ruas do parque com herva de palmo, a *skating* da patinagem n'um estado horroroso e as bolas do jogo da bola que parecem achas de fogão. Melhor do que eu fallam as photographias que lhe envio para publicar no *Brasil-Portugal* pois são a prova irrefutavel de que as Caldas da Rainha ou as Caldas de D. Leonor, como agora já lhe querem chamar, sahem da sensaboria em que todos dizem estar as praias e thermas do nosso paiz.

Sabbado proximo ha no parque das Faianças, esse encantador parque que faz parte da fabrica que foi de Raphael Bordallo e hoje é dirigida por Costa Motta (sobrinho), um gar-

den party organizada e offerecida por uma comissão e que deve uma ser grande festa.

Os instantaneos d'este ponto de reunião da colonia das Caldas, na tarde de sabbado tenho-os promettidos mas não lh'os poderei mandar para o numero de 15 e portanto prometto-os, para o que se lhe segue.

Sabbado á noite uma comissão de meninas solteiras offerece no club um *cotillon*, o qual será marcado por D. Maria da Graça Reynolds e por Freed, o filho do Conde de Fontalva.

mente patriótico... — alguns elegantes pares dançaram com singular garbo o *Vira*; mas, com tal graça de requebros no voltear da portuguesissima dança e tanta luz radiosa nos olhos femininos, que a assistencia, entusiasmada, sentiu bem vivamente a acção penetrante do extranho e dolente encanto que se desprende da musica nacional, onde palpita docemente a enternecida melancholia da alma portuguesa.

Este bello dia terminou com um *cotillon* no club, sendo assim posta á prova a resistencia dos valsistas com resultados gloriosos



Nas Caldas da Rainha — As pessoas que tomaram parte na burricada á Foç de Arelho, vendo-se entre outras as sr.^{as} Viscondessa de Alvellos e filhas, Baroneza de Almeirim, D. Ignacia de Vilhena e filhas, D. Maria do Carmo Pereira de Carvalho e filhas, D. Maria José de Sande Murcia da Costa e filha, D. Luíza de Aboim Amado, D. Maria Fernanda Affonso de Menezes, D. Maria Amélia do Amaral Canavarro, Madame Caldeira Cabral, etc., e os srs. Barão de Almeirim, dr. Alexandre de Vilhena, dr. Caldeira Cabral, Francisco Gorjão, D. Jorge de Menezes, dr. Augusto Queiroga, D. Luíza (Mesquitella), etc., etc.

(Phot. Parisiense — Caldas da Rainha)

E em projecto está o concurso hippico, uma vaccada em Alfeizirão, uma noite passada em S. Martinho, etc., etc.

Aqui tem, pois as informações que lhe posso enviar. Agora adeus e creia-me

Sempre amigo

EGROJ.

Caldas — 5 — Setembro, 1912.

As festas a que se refere o nosso presado collaborador, tiveram no dia 8 uma realisação brilhante que excedeu toda a expectativa, aliás já muito esperancada n'um exito notavel. Durante toda a tarde d'esse dia, uma elegante multidão povoou o lindo parque da fabrica de faianças do sr. Godinho Leal, apresentando este recinto, que o genio artistico de Bordallo Pinheiro decorou de fórma original e pittoresca, o aspecto animado e ruidoso d'um ponto de reunião requintadamente mundano de qualquer estancia do estrangeiro. Escusado seria dizer que as danças se succederam com o maior *entrain*; era lá possivel resistir ás suggestivas harmonias das valsas suavemente rithmadas, ou permanecer indifferente ao tentador pretexto que são as quadrilhas para alguns minutos de espirital palestra com um par de eleição?! Mas, succedeu até que a alegria da assistencia determinou este rasgo eminente-

para o seu brio de mundanos. Egroj alludiu já aos pares marcantes e as folhas diarias inseriram na occasião largos relatos muito pormenorizados d'estes elegantes successos, o que nos dispensa de reeditá-los aqui, tanto mais que o espaço escasseia. Mas, n'este curto registo, ficam designadas as festas do dia 8, como a mais brilhante *étape* de prazer da estação thermal d'este anno nas Caldas da Rainha.

A pittoresca e aristocratica praia da Granja é, este anno, no norte do paiz, a estancia que se encarrega de dar signal de que ainda existe para aquellas bandas a vida mundana com todas as suas suggestivas alegrias. N'esta quadra estival trabalha-se com affinco, no que poderá denominar-se — a *empreitada do prazer!* Nos dois ou tres mezes da temporada nas thermas e praias, organizam-se diversões que davam para distrahir os ócios do mundanismo elegante durante um bom semestre, sem que o tempo fôsse de sobejo para o intercalar d'um pouco de repouso nas movimentadas folias. Este anno cabe á Granja bater o *record* da — *empreitada do prazer*. *Soirées*, concertos, recitas, córos, bailes de *tétes*, *garden-party*, *teas* elegantes, danças antigas, zarzuelas... todo um deslumbrante programma, cujo exito ruidoso, mesmo de longe, entontece a vida pachorrenta de Cascaes, Cintra e Estoris,

ANECDOTAS

Resposta a uma hespanholada

Encontraram-se dois funambulos, um hespanhol e outro portuguez, que começaram a conversar sobre as habilidades de que cada um era capaz no exercicio da sua profissão.

— Eu, disse o hespanhol, já andei sobre uma corda collocada a 150 metros de altura, sem maromba.

— Pois eu fiz mais e melhor, replicou logo o portuguez, pois andei já a uma altura de 200 metros.

— Sem maromba?

— Não, com maromba; mas sem corda.

Avariza sordida

Um velho, muito rico, apresentava-se na rua de tal maneira vestido que mais parecia um mendigo. A sobrecasaca verde e lustrosa e as calças com enormes joelheiras eram objectos de troça dos seus concidadãos. Esse velho tinha um filho que, vexado com as zombarias de que seu pae era alvo e depois de inultamente insistir varias vezes com elle para que substituisse o vestuario im-

mundo, recorreu ao expediente de mandar fazer um bom fato e encarregar um adello de ir vendel-o a seu pae por uma libra.

— Meu pae, com a mira no esplendido negocio que fará, compra-o com certeza, pensava o filho de si para si.

No dia em que o adello foi vender o fato ao avarento, o filho d'este encontrou-o á hora de jantar muito satisfeito. E dirigindo-se a elle, perguntou-lhe;

— Porque está hoje tão contente, meu pae?

— Ah! Não



Nas Caldas da Rainha — Assistindo aos exercicios de patinagem: D. Bernardo e D. Luiz da Costa (Mesquitello), Guilherme Pereira de Carvalho e as sr.^{as} D. Maria do Carmo Pereira de Carvalho, Viscondessa de Alvellos, D. Marieta Pereira de Carvalho, D. Maria de Lourdes da Costa (Mesquitella) e D. Alice Pereira de Carvalho.

(Phot. do Commendador Jorge A. d'Almeida Lima — amador)

onde apenas pequenos grupos revolucionarios a meudo protestam contra a invasão da insipidez que flagella os espiritos n'aquellas encantadoras paragens, onde sómente o *bridge* impera. O *bridge*, o mais terrivel inimigo do movimento e da alegria, o primeiro ministro fero e despotico de Sua Alteza a Maçada!...

Pois a Granja marca este anno entre as praias do norte. A récita alli realizada no sabado, 8 do corrente, foi de requintada elegancia e do maior brilho artistico como o noticiaram os jornaes com natural e justo encomio. Representaram-se as seguintes comedias:

Ha seis mezes, comedia em 1 acto de Max Maurey (tradução do sr. Alvaro de Miranda).

Personagens— «Helena», sr.^a D. Maria Benedicta Osorio de Mello; «Gertrudes» (creada), sr.^a D. Laura de Brito e Cunha; «Luiz», sr. conde da Figueira (D. Luiz); «Fernando de Sousa», sr. Sande e Castro.

O Pretexto, comedia em 2 actos de Daniel Riche (tradução do sr. Alvaro de Miranda).

Personagens— «Baroneza», sr.^a D. Emma de Mello Bandeira Coelho; «Madame de Fierens», sr.^a D. Beatriz Ayres de Gouveia Alcoforado; «Jeanne», sr.^a D. Maria Augusta Alvares Pereira de Sampaio Forjaz; «Augusta», sr.^a D. Laura de Brito e Cunha; «Conde», sr. conde de Figueira (D. Luiz); «André», sr. D. Antonio Alvares Pereira de Sampaio Forjaz; «Laperche», sr. Cypriano de Almeida e Brito.

A interpretação foi um primor. Quatrocentas pessoas tiveram a felicidade de gosar do delicado prazer espirital que o talento das distinctas amadoras lhes proporcionou. As ovações foram, portanto, entusiasticas e merecidissimas.

Temos esperanza de poder inserir no proximo numero algumas photographias relativas ás animadas diversões da Granja.

LUIZ TRIGUEIROS.



Nas Caldas da Rainha — Uma bicha na patinagem: dr. Augusto Queiroga, sr.^a D. Maria Bernardina Manuel (Atalaya), João Queriol, sr.^a D. Clarice Braancamp (Almeirim), Jacintho Torres Vaç Ferreira, sr.^a D. Eugenia de Sousa, José Manuel Pinto (Sacavem), sr.^a D. Clara de Vilhena, Antonio Pereira de Carvalho, sr.^a D. Maria Beatriz Campos, Frederico Oom, D. Joanna Cymbron, Pedro Cymbron, menina Marianna Cymbron, Vicente Cymbron, Gabriel de Barros, Antonio Pereira e Jorge Oom.

(Phot. do Commendador A. d'Almeida Lima — amador)



Nas Caldas da Rainha — A lueta de tracção realisada na praia da Foç do Arelho por occasião da burricada Vilhenas-Almeirim-Atalaya: sr.^{as} D. Anna (Alvellos), D. Rosaria (Mesquitella), D. Maria Amelia Mexia da Costa, D. Maria José (Alvellos), D. Clarice (Almeida) e D. Maria de Lourdes (Mesquitella). Ao centro Pedro de Brion. Depois, sr.^a D. Marianna Vilhena, D. Margarida P. de Carvalho, D. Clara Vilhena, D. Marieta e D. Alice P. de Carvalho e D. Maria Bernardina (Atalaya).

(Phot. de Henrique de Brion — amador)

imaginas, filho, fiz hoje um esplendido negocio. Comprei a nm adello um magnifico fato por uma libra e vendi-o hoje mesmo a outro por quatro. Ganhei tres libras em menos de uma hora sem riscos e sem trabalho. Não achas que devo estar satisfeito?!



Nas Caldas da Rainha — Um aspecto da vaccada em homenagem a João Gagliardi.

(Phot. Parisiense — Caldas da Rainha)

Architectura nacional

Depois de muito matutar, o rico homem manda chamar o mestre de obras:

— Preciso que me faças um predio em Lisboa.

— Sim, senhor. Rico ou pobre?

— Pobre parecendo rico.

— Occupando todo o terreno?

— Pois está visto! Jardins, isso é bom para os patetas que não sabem o valor ao dinheiro...

— E emquanto a estylo?

— Estylo? Qual estylo nem qual carapuça! Estylo... Julgas que eu sou para ahi algum pretencioso?... Estylo é cada qual metter no menor terreno a maior quantidade de inquilinos.

— Mas é que se póde fazer uma coisa-nha com um certo cunho portuguez.

— O cunho é o que fór mais baratinho. Vamos lá a ver. As paredes como é que sahem mais baratas?

— Lisas e caiadas.

— Lisas e caiadas. Está muito bem.

— E janellas, quantas quer?

— Poucas.

— Estylo francez?

— Sim.

— E as portas? Estylo inglez?

— Sim. Estylo inglez.

— Quer os cunhaes á hespanhola?

— Quero se forem baratos.

— E o telhado á suissa?

— Sim, á suissa, com telha de Merselha.

— Quer a escada á russa?

— Quero.

— E a claraboia á turca?

— Sim.

— E os tectos?

— Baixinhos, para render mais.

— Está combinado. Ha-de ficar uma casa catita!...

— O mestre de obras vae para sahir. De repente lembra-se de qualquer coisa e volta:

((TENNIS)) NO MONT'ESTORIL



Aguardando a vez de jogar — M.elle Theresa Moser, M.elle Oliveira (Tojal) e M.elle Busaglo

(Phot. de ●●●)

— V. Ex.^a não quer que ponha na casa qualquer coisa á portugueza?

O senhorio, tirando uma fumaça do charuto:

— Uma coisa á portugueza ponho-lhe eu. E' a renda.

ANTONIO BANDEIRA.

— Bem se vê que é cedo na sua casa, pois tem só uma janella aberta!...

— Onde meteu você a coragem? perguntaram a um sujeito que fugia de um barulho em que roncava o cacete.

— Nas pernas, respondeu elle.



«Tennis» no Mont'Estoril

A ministra de Austria, sr.^a Baroneza Kuhn Kuhnfeldt



«Tennis» no Mont'Estoril

A sr.^a D. Thereza Calheiros (Guarda)

Passa um corcunda por um sujeito cego de um olho. Este por gracejo diz-lhe:

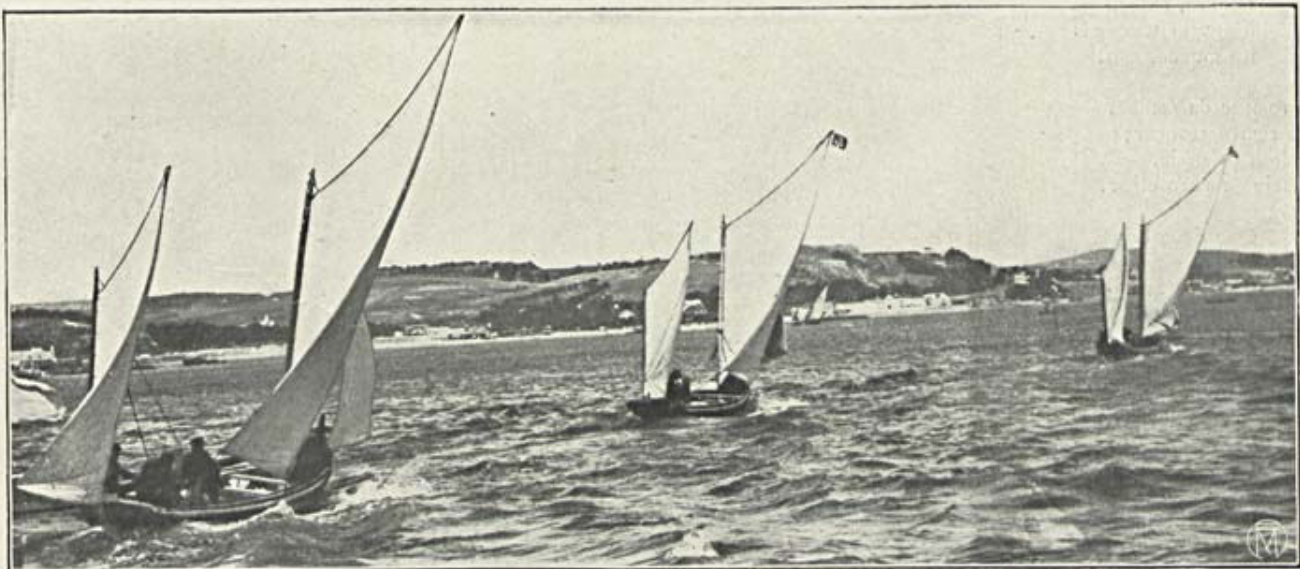
— Oh! tão cedo e já carregadinho!

Uma senhora casada ha muito lamentava-se de não ter filhos. Calino que a escutava, attentiosamente, disse commovido:

— E' bem triste! E a mãe de V. Ex.^a teve alguns?

NŌTAS DE «SPŌRT»

Regata do Club Naval de Lisboa em Paço d'Arcos



A corrida de catraios

(Phot. de ***)

VIDA INTIMA

(A Maria)

A minha lyra tão pobre,
Vai dedicar-te estes versos;
Que d'um cantico d'amor,
São apenas sons dispersos!

Notas perdidas,
Só na minha alma,
São conhecidas,

Oh, que heresia disses-te
Coração, que tanto sentes!
Não lh'as tens ouvido, n'ella,
N'aquelle peito, frementes?

Perdoa pois,
Não só na minha,
Na de nós dois.

Temos o nosso jardim,
Não é verdade Maria?
Onde uma flôr reverdece,
Onde nos nasce a alegria.

Oh, e que flor,
Regada a fluxo,
Por nosso amor.

Por ella velamos juntos,
Dia a dia, hora a hora;
Receiosos, que a desfolhem,
As gotas, que orvalho chora.

E é tão mimosa,
Que d'ella inveja,
A fresca rosa.

Tem as petalas, da côr,
Das alvoradas d'abril,
O collear das sereias,
Na sua haste gentil.

Doçura, então,
Ninguém tem mais
No mundo, não!

Logo ao romper da manhã,
Corremos sem descansar;
Disputando a primasia,
Do seu meigo e puro olhar.

Que doce briga,
P'ra ver a flor,
Tão nossa amiga

Para doirar-lhe da vida,
Os annos, noites e dias,
Que mundos que nós sonhámos...
Que mndos d'Andaluzias..

Um ceo immenso,
Sempre com estrellas
De brilho intenso.

Sem mesmo nós a chamarmos,
Vê tu, como ella se inclina,
Repousando em nosso peito,
A sua coma divina.

Prazer sem par,
Que só o sente,
Quem o quer dar.

Maria, sempre de cima,
Exemplo tem que partir;
P'ra que nos tenham amor,
Temos amor, que sentir.

E isto vês,
Bem demonstrado,
Entre nós tres

Eis o bem de todo o bem,
No mundo, que Deus creou;
Só pode valorisal-o,
Quem uma vez o provou.

Desejos loucos,
Realizados
A muito poucos...

Evora — Abril de 1895.

CONDE DA ESPERANÇA.

